

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO – UFRPE
UNIDADE ACADÊMICA DE GARANHUNS – UAG**

CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

GABRIELA RAYLA TEIXEIRA DE CARVALHO

**A METÁFORA EM TEXTO HUMORÍSTICO: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA
METÁFORA CONCEPTUAL**

Garanhuns
2019

GABRIELA RAYLA TEIXEIRA DE CARVALHO

**A METÁFORA EM TEXTO HUMORÍSTICO: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA
METÁFORA CONCEPTUAL**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof^o Dr. Eudes da Silva Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Ariano Suassuna Garanhuns - PE, Brasil

C331m Carvalho, Gabriela Rayla Teixeira de
A metáfora em texto humorístico: uma análise sob a ótica da
metáfora conceptual / Gabriela Rayla Teixeira de Carvalho. - 2019.

43 f., il.

Orientador(a): Eudes da Silva Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco, Departamento de
Letras, Garanhuns, BR - PE, 2019.

Inclui referências e apêndices

1. Humor na educação 2. Metáfora 3. Análise do discurso 4. Texto
5. Texto e linguagem I. Santos, Eudes da Silva, orient. II. Título

CDD 401.41

GABRIELA RAYLA TEIXEIRA DE CARVALHO

**A METÁFORA EM TEXTO HUMORÍSTICO: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DA
METÁFORA CONCEPTUAL**

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns (UFRPE/UAG), como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Eudes da Silva Santos

Garanhuns, 09 de julho de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eudes da Silva Santos
Orientador – UFRPE/UAG

Profa. Dra. Luiza Cristina Pereira de Araújo
Examinadora interna – UFRPE/UAG

Profa. Dra. Josefa Jaciara Gomes
Examinadora externa – UPE/ Garanhuns

AGRADECIMENTOS

Queria agradecer:

À Deus, que não me deixou desistir, diante de todas as adversidades.

À mim mesma, que acreditei na minha capacidade e não desisti.

Aos meus pais, José e Leninha, por todo apoio, incentivo e amor que sempre tive, e todos os ensinamentos necessários para que me tornasse a pessoa que sou hoje.

Às minhas irmãs, Milla e Monne, por me ajudarem nos momentos bons e ruins, sempre torcendo por mim.

À minha tia, madrinha e professora Sivanete, por me ensinar a ler e a escrever e por todo o carinho que sempre teve por mim.

Aos meus avós, Socorro e Jurandir, que me ensinaram muito sobre perseverança e sempre tiveram muito orgulho de mim.

Ao meu companheiro, Victor, um dos presentes que a universidade me trouxe, por ouvir muitos dos meus choros e por sempre tentar me fazer rir.

À Laécio, que sempre esteve junto comigo nestes quatro anos, me tirando uma dúvida a cada cinco minutos, sendo sempre o mais humilde do grupo.

À Salvia, rainha da ABNT e exemplo pra mim, que pude conhecer melhor e descobrir a amiga de ouro que ela é.

À Victoria, que foi minha dupla nestes quatro anos. É clichê, mas a distância não apaga tudo que você fez por mim e tudo que aprendi com você.

Aos meus colegas de sala, em especial, Elias, que sempre adivinhava quando eu mais precisava de colo.

A todos os professores da infância até aqui, por todo o conhecimento que compartilharam comigo.

Ao meu orientador, Eudes, que acreditou em mim e se mostrou um grande exemplo de profissional e pessoa.

Ao TALI e ao GETEGRA, grupos de pesquisa que tive a honra de participar e poder aprender mais desse universo lindo que é a Linguagem.

Ao PIBID e à monitoria, que me proporcionaram uma experiência incrível em sala de aula.

À toda a minha família e amigos, que de alguma forma contribuíram para que chegasse nessa etapa.

“A palavra é meu domínio sobre o mundo”
Clarice Lispector

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar metáforas presentes em texto de *stand-up*. Utilizamos como *corpus* o texto humorístico do comediante Whindersson Nunes com base na teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002). A pesquisa se enquadra como qualitativa, de cunho documental e bibliográfico. O material que utilizamos para nossa análise consiste no vídeo de 2016, publicado na plataforma *Youtube*, intitulado “Whindersson Nunes em Marminino (show completo)”. Realizamos a transcrição do trecho que escolhemos para estudo e buscamos analisar neste trabalho as expressões metafóricas que encontramos no vídeo na temática família. Como estratégia de identificação de metáforas, escolhemos o método de leitura, descrito por Sardinha (2007) como o mais adequado para o trabalho com a metáfora conceptual. Para referencial teórico, tivemos Lakoff e Johnson (2002), Sardinha (2007), Fiorin (2014), Zanotto et al (2002), Cameron (2010), entre outros. Em nossa análise verificamos que muitas metáforas com características semelhantes aparecem com frequência no texto, o que nos levou a organizá-las por grupos, de metáforas animais, metáforas ontológicas, dentre outras. Em nossa análise conseguimos relacionar as expressões metafóricas à uma metáfora conceptual maior, como proposto nos objetivos. Pudemos por fim, notar como o sistema metafórico é diversificado, repleto de diferentes metáforas conceptuais, não uma estrutura “presa” a padrões com apenas um tipo. Observamos também o quão presente ela está no nosso cotidiano não sendo apenas um recurso linguístico, mas sim uma componente fundamental da nossa língua.

PALAVRAS-CHAVE: Humor. Metáfora. Metáfora Conceptual.

ABSTRACT

This work aims to analyze metaphors present in stand-up text. We used as *corpus* the humorous text of the comedian Whindersson Nunes based on the Conceptual Metaphor theory of Lakoff and Johnson (2002). The research fits as qualitative, documental and bibliographic. The material we used for our analysis consists of the 2016 video, published on the Youtube platform, entitled "Whindersson Nunes in Marminino (full show)". We have done the transcription of the passage that we chose to study and we have tried to analyze in this work the metaphorical expressions that we find in the video, in the family thematic. As a strategy for the identification of metaphors, we chose the method of reading, described by Sardinha (2007) as the most appropriate for working with the conceptual metaphor. For theoretical reference, we had Lakoff and Johnson (2002), Sardinha (2007), Fiorin (2014), Zanotto et al (2002), Cameron (2010), among others. In our analysis we verify that many metaphors with similar characteristics appear frequently in the text, which led us to organize them by groups, animal metaphors, ontological metaphors, among others. In our analysis, we were able to explain the connotative sense of metaphorical expressions and relate them to a larger conceptual metaphor, as proposed in the objectives. Finally, we noted how the metaphorical system is diversified, full of different conceptual metaphors, not a structure "stuck" to patterns with only one type. We also observed how present it is in our daily lives not only as a linguistic resource, but also as a fundamental component of our language.

KEYWORDS: Humor. Metaphor. Conceptual Metaphor.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
2 O FENÔMENO DA METÁFORA À LUZ DE ALGUMAS PERSPECTIVAS	10
2.1 METÁFORA	10
2.2 TEORIAS DA METÁFORA.....	12
2.2.1 Metáfora pelo viés tradicional	12
2.2.2 Teoria da Metáfora Conceptual	14
2.2.3 Metáfora Sistemática.....	20
3 CARACTERIZAÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA	234
3.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA.....	244
4 ANÁLISE DOS DADOS	27
4.1 METÁFORA ONTOLÓGICA - PERSONIFICAÇÃO.....	27
4.2 METÁFORA ANIMAL	28
4.3 METÁFORAS SENSORIAIS	30
4.4 METÁFORAS DE CÉU E INFERNO	31
4.5 METÁFORAS DE OBJETOS.....	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	344
REFERÊNCIAS.....	366
APÊNDICE.....	388

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem por objetivo analisar as metáforas presentes no texto de *stand-up* do comediante e youtuber brasileiro Whindersson Nunes a partir de uma abordagem qualitativa, que realizou-se depois de uma extensa transcrição do áudio presente no vídeo. Por termos retirado nosso material de estudo de uma plataforma de vídeos (*Youtube*) e utilizado em nossa análise a perspectiva de diversos autores, em especial Lakoff e Johnson (2002), em uma tentativa de compreender como se realiza o processo metafórico no texto humorístico tendo por base a teoria da Metáfora Conceptual, a presente pesquisa caracteriza-se de cunho documental e bibliográfica.

Estudamos o processo metafórico sobre diferentes perspectivas, para assim selecionar a teoria que achamos mais adequada para nosso estudo. Logo em seguida, em nossa análise, buscamos identificar as expressões metafóricas presentes no texto humorístico, procurando entender como se realizou esse processo metafórico por meio da teoria que selecionamos, tendo por finalidade relacionar estas metáforas¹ à Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002).

Durante o desenvolvimento desta monografia, buscamos elucidar algumas questões como: o que é a metáfora? Quais as principais concepções de metáfora? Como a metáfora se manifesta no discurso humorístico? É possível reunir expressões metafóricas em metáforas conceptuais?

Para tanto, partimos da hipótese de que o discurso humorístico, assim como ao linguagem, é rico em metáforas, pois trata de assuntos relacionados ao cotidiano, e segundo Lakoff e Johnson (2002), a metáfora é cultural e exerce grande influência no comportamento humano. Por este motivo, escolhemos um texto de *stand-up* para análise.

Apesar de ser intrínseco à nossa língua, muitas vezes ainda se tem a concepção da metáfora apenas como um recurso linguístico para ornamentar textos. Neste trabalho, poderemos observar que a metáfora é tão comum que por ser tão arraigada na nossa cultura não a notamos, principalmente no texto humorístico, que é repleto das mais variadas figuras de linguagem, e a metáfora é uma das mais encontradas nele. Por isso, justificamos a escolha deste tema e defendemos esta

¹ Metáfora ontológica, Metáfora animal, Metáforas sensoriais, Metáforas de céu e inferno, Metáforas de objetos.

pesquisa como sendo de grande relevância para o meio acadêmico e campo de pesquisas nessa área.

Como aporte teórico, utilizamos o “Dicionário Ciência da Linguagem” de Ducrot e Todorov (1972), Cohen (1992) e Fiorin (2014), para trazer algumas considerações sobre Metáfora; Ricoeur (2005) e Sardinha (2007), que discorrem sobre a metáfora tradicional; Zanotto et al (2002), Boers (1999) e principalmente Lakoff e Johnson (2002), para dialogar a respeito da Metáfora Conceptual; e Cameron (2010), que aborda a Metáfora Sistemática. Além das considerações iniciais e finais desta pesquisa, este trabalho divide-se em três seções. Na primeira seção, buscamos introduzir o que é metáfora e as definições pelo ponto de vista de diferentes autores. Em seguida, fizemos um recorte de algumas teorias e suas concepções de metáfora, a saber: a metáfora pelo viés tradicional, a teoria da Metáfora Conceptual e a teoria da Metáfora Sistemática.

Na segunda seção, realizamos uma descrição metodológica da nossa pesquisa, na qual apresentamos o percurso metodológico que desenvolvemos, desde como se qualifica a pesquisa, como selecionamos o *corpus* de pesquisa e porquê, até qual método utilizamos na identificação e análise de metáforas.

Na terceira seção, para facilitar a compreensão, analisamos os casos de metáfora por fenômenos, classificando-as como metáforas estruturais, orientacionais, entre outras, com base na teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002). Em seguida, tentamos identificar nos enunciados metafóricos os termos que seriam correspondentes aos domínios, relacionando todas as expressões à uma Metáfora Conceptual.

Identificamos na nossa pesquisa cinco tipos de metáfora na temática família: as metáforas ontológicas – mais especificamente o fenômeno da personificação; as metáforas animais; as metáforas sensoriais – nesse fenômeno o enunciado metafórico está ligado à experiências sensoriais e motoras; as metáforas de céu e inferno e as metáforas de objetos. Assim, concluímos nosso objetivo neste trabalho, de analisar os enunciados metafóricos à luz da Metáfora Conceptual.

Por ser um fenômeno da língua, o fenômeno metafórico é diversificado e variável, não algo ligado a padrões. Por isso, destacamos a importância do seu estudo e esperamos que nosso trabalho contribua para o meio acadêmico em futuras pesquisas sobre Metáfora.

2 O FENÔMENO DA METÁFORA À LUZ DE ALGUMAS PERSPECTIVAS

Buscaremos neste capítulo apresentar os conceitos que a literatura dispõe acerca da metáfora. Em seguida, pretendemos fazer um breve apanhado de algumas teorias e suas concepções de metáfora, dando um enfoque maior na Teoria da Metáfora Conceptual, que será a que utilizaremos como suporte para este trabalho.

2.1 METÁFORA

O nome metáfora vem do grego “metapherein” e significa ‘transferência’. ‘Meta’ quer dizer ‘mudança’ e ‘pherein’ significa ‘carregar’. Assim, metáfora seria a transferência de sentido de uma coisa para outra (SARDINHA, 2007, p. 21). De acordo com Ducrot e Todorov (1972, p. 254), a metáfora é o “emprego de uma palavra num sentido que se assemelha e no entanto difere de seu sentido habitual”.

A metáfora é um recurso linguístico utilizado diariamente na comunicação humana. De acordo com Sardinha (2007, p. 12), “é um recurso tão humano que talvez seja a última coisa que os robôs do futuro entendam. Provavelmente eles responderão ‘não tem registro, não tem registro’”. Justamente por ser algo tão humano, a metáfora foi estudo de muitas pessoas ao longo dos séculos, sendo até hoje objeto de interesse de muitos campos como a Linguística, Filosofia, Psicologia, Lexicografia, dentre outros (SARDINHA, 2007).

O autor também tem a metáfora como um recurso da linguagem figurada, possuindo um sentido não-literal². Isso quer dizer que no discurso metafórico utilizamos uma linguagem que difere do sentido real. Para exemplificar, observemos a frase: “Maria carrega o mundo nos ombros”. Sabemos que o sujeito da frase “Maria” não teria como literalmente carregar o mundo nos ombros, mas talvez pelo fato da palavra “mundo” remeter a algo imenso e pesado, o seu uso nessa frase indica que Maria suporta/lida com muitos problemas grandes e que seria insuportável para outra pessoa “carregá-los”. Logo, de acordo com os pressupostos do autor, o exemplo não permite o sentido “literal”.

Sardinha (2007, p. 13) define a metáfora como:

²Destacamos que esta é uma concepção do autor. Para nós, os sentidos não são propriedades das palavras e como tal não pode haver um sentido “real” ou “figurado”.

recursos retóricos poderosos e são conscientemente usadas por políticos, advogados, jornalistas, escritores e poetas, entre outros, para dar mais 'cor' e 'força' a sua fala e escrita. Elas também são meios econômicos de expressar uma grande quantidade de informação. Ao mesmo tempo, são um modo simples de expressar um rico conteúdo de idéias (sic), que não poderia ser bem expresso sem elas.

De acordo com o autor, o uso da metáfora estabelece uma relação de proximidade com o leitor, ouvinte ou plateia, pois ao entender o sentido metafórico, o ouvinte passa a ser cúmplice do falante. Por exemplo, a frase metafórica "João bateu as botas" significa que uma pessoa, chamada João, morreu. Se uma pessoa que vier de outro país para aprender português ouvir essa sentença, provavelmente não a entenderá no sentido não-literal, mas sim que alguém chamado João pegou suas botas que talvez estavam sujas e as bateu. Desse modo, esse aprendiz de português não seria considerado um cúmplice da frase metafórica, que estaria restrita a um determinado grupo.

A metáfora, de acordo com Cohen (1992), só será efetiva se o ouvinte compartilhar o mesmo conhecimento, mesmas crenças, intenções e atitudes que o falante. Isso quer dizer que não será qualquer pessoa capaz de entender o enunciado metafórico. Para corroborar com seu argumento, o autor relaciona a metáfora com o gênero piada: "também para uma piada, há primeiro a percepção de que se trata de uma piada e depois vem a compreensão- o que se entende por 'pegar uma piada'" (COHEN, 1992, p. 15). Assim, o ouvinte deve perceber que a expressão ouvida é uma metáfora e imaginar o objetivo que essa expressão pretende trazer.

Fiorin (2014, p. 34) afirma que "a metáfora é uma concentração semântica. No eixo da extensão, ela despreza uma série de traços e leva em contra (sic) apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem." Ainda segundo o autor, a metáfora não é um tropo apenas da linguagem verbal (podendo ter dimensão de uma palavra, frase ou de um texto), mas de outras linguagens também, como a visual. Para exemplificar, Fiorin fala sobre o logotipo da *GoodYear*, uma fábrica de pneus, em que aparece um pé com asas para metaforizar a velocidade do produto fabricado.

Podemos notar que são muitas as definições de metáfora existentes. Devido à extensa variedade de teorias, abordar todas em apenas algumas seções seria tarefa impossível. Por isso, o que pretendemos trazer adiante é apenas um recorte das principais concepções de metáfora de acordo com a Teoria da Metáfora Sistemática, o viés tradicional e a Metáfora Conceptual.

2.2 TEORIAS DA METÁFORA

Traremos agora algumas vertentes tradicionais do estudo da metáfora, para que possamos entender como surgiu as demais teorias, incluindo a teoria que usaremos como base para nosso trabalho, a da metáfora conceptual³.

2.2.1 Metáfora pelo viés tradicional

Essas abordagens consideram a metáfora apenas uma figura de linguagem, um artifício para embelezar a linguagem. Com base em Ricoeur (2005) e Sardinha (2007), pode-se afirmar que a noção mais antiga de metáfora vem de Aristóteles. No seu livro, a Arte Poética, o filósofo define a metáfora como o uso do nome de uma coisa para designar/definir outra, como uma “transposição do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra por via de analogia” (ARISTÓTELES, Poética, III, IV, p.182 apud SARDINHA, 2007). Ricoeur (2005, p. 31), a partir da perspectiva de transposição de termos de Aristóteles, afirma que:

1)A metáfora é um empréstimo; 2) que o sentido emprestado opõe-se ao sentido próprio, isto é, pertencente a certas palavras; 3) que se recorre a metáforas para preencher um vazio semântico; 4) que a palavra emprestada toma o lugar da palavra própria ausente se esta existe.

O filósofo considera como sendo um tipo de metáfora a comparação direta. Desse modo, como afirma Sardinha (2007), as frases “Aquiles se atirou como um leão” e “o leão atirou-se” seriam ambas metafóricas, pois nas duas frases a característica “coragem” foi transferida para Aquiles.

Para Aristóteles apud Sardinha (2007), as metáforas são úteis na comunicação, mas devem ser bem empregadas, visto que elas permitem expressar uma ideia nova que por ser nova exige um trabalho mental por parte do ouvinte/leitor para encontrar um ponto em comum entre os termos usados na metáfora. Com isso, podemos observar que desde Aristóteles a metáfora não era vista apenas como um artifício vazio, mas sim o resultado de um esforço mental, reconhecendo assim o papel cognitivo dela. (SARDINHA, 2007).

³ Para apresentação das teorias da Metáfora resolvemos seguir uma ordem cronológica. Por isso, trouxemos inicialmente a metáfora tradicional, em seguida a Metáfora Conceptual e por último a Metáfora Sistemática.

Sardinha (2007) explica que com o passar do tempo a categoria de metáfora de Aristóteles foi sendo desmembrada em várias figuras de linguagem, como hipérbole, metonímia, ironia, eufemismo, etc. Com isso, criou-se uma visão que o autor define como “ateórica” da metáfora, sendo tida pelo senso comum como uma figura que faz uma comparação implícita entre duas coisas, estabelecendo uma relação entre elas.

Muitas vezes a metáfora e as demais figuras de linguagem são expostas em livros didáticos apenas como um recurso de estilo utilizado por poetas escritores, como se elas fossem apenas um recurso de embelezamento, não algo que é utilizado por um usuário comum.

Entre os diversos estudiosos da metáfora citados por Sardinha (2007), I.A. Richards foi um dos que criou muitos termos usados para descrever a metáfora:

- Tópico: é a porção *não*-metafórica de uma expressão metafórica. Em ‘Julieta é o sol’, o Tópico é Julieta.
- Veículo: é a porção *metafórica* de uma expressão metafórica. No exemplo anterior, o Veículo é sol.
- Base: é a relação entre Tópico e Veículo. No exemplo anterior, o Veículo ‘sol’ indica que nos referimos ao Tópico ‘Julieta’ como tendo beleza, calor vida etc.
- Tensão: refere-se à incompatibilidade entre o Tópico e o Veículo, quando interpretados literalmente. Julieta é uma pessoa e o sol, um corpo celeste. Dizer que um é o outro gera tensão entre os sentidos estabelecidos[...] Na visão tradicional, a tensão seria dissipada por meio da substituição de uma característica de um termo pelo outro (‘Julieta é bonita’). [...] Na visão conceptual cognitiva, a tensão seria resolvida pelo acesso a um esquema mental prévio [...] (BELO É BRILHANTE). Na visão sistemática, a tensão reflete-se no uso das metáforas na língua [...]. (SARDINHA, 2007, p. 27-28).

Estes conceitos criados por I.A. Richards correspondem ao que Lakoff e Johnson posteriormente chamam de Domínio e Mapeamento. O Domínio fonte referindo-se a algo concreto, equivalente ao Tópico. O Domínio alvo sendo a porção abstrata, correspondendo ao Veículo. E por último o Mapeamento que pode ser definido como a relação entre Domínio fonte e Domínio alvo, podendo ser comparado com a Base.

Outro importante teórico que merece destaque é Max Black, que desenvolveu três teorias: a teoria da substituição, a teoria da comparação e a teoria da interação.

A primeira teoria foi criada a partir de Aristóteles e I.A Richards, afirmando que uma metáfora substitui o termo literal por outro figurado. Por exemplo, na frase “aquele rapaz é um rato”, o termo ‘rato’ que seria metafórico poderia ser substituído pela

expressão “aquele rapaz é medroso⁴”. Nessa concepção não haveria ganho de sentido, apenas uma substituição dele. O principal argumento para o uso da metáfora, visto que uma expressão literal produziria o mesmo efeito, seria o desejo de ornamentar a fala ou a escrita.

Na teoria da comparação, a metáfora seria uma comparação implícita. Isso quer dizer que dentre as diversas características presentes entre o veículo, o ouvinte/leitor teria que escolher as que mais têm semelhança com o tópico. Por exemplo, na frase “aquele rapaz é um rato”, dentre as muitas características que podem ser atribuídas ao veículo ‘rato’ (pequeno, rápido, medroso) o ouvinte deverá selecionar uma que mais se assemelhe com o tópico “rapaz”.

Por último, na teoria da interação, a metáfora adquire um sentido novo a partir da interação entre o tópico e o veículo. Na frase “aquele rapaz é um rato” não haveria tanta similaridade entre o tópico e o veículo, pois ‘rato’ e ‘homem’ são seres vivos bem diferentes. Contudo, ao afirmarmos que determinada pessoa é um rato, o ouvinte/interlocutor subentende que o homem é medroso feito o rato, e todas as pessoas medrosas também podem ser comparadas a um rato. Assim, seria criado um sentido novo a partir da interação entre os conceitos de “homem” e “rato”.

2.2.2 Teoria da Metáfora Conceptual

A Teoria da Metáfora Conceptual é uma das que mais se destacam nesta área, a publicação do livro “*metaphors we live by*” em 1980 por George Lakoff e Mark Johnson causou um grande impacto na época, sendo até hoje uma das teorias mais conhecidas e trabalhadas nesse campo de estudos.

A teoria criada por Lakoff e Johnson significou uma ruptura paradigmática, rompendo com a tradição retórica. Para muitos teóricos dessa tradição, a metáfora se tratava apenas de um ornamento linguístico, característico de linguagens não usuais, como a poética. Nesta perspectiva, a metáfora era indesejada em discursos científicos, por não ter nenhum valor cognitivo. (ZANOTTO et al., 2002, p. 11).

Segundo Zanotto et al (2002), já no século XX, o dogma da metáfora começa a ser questionado em suas bases, levando a uma reformulação a partir de 1970, com

⁴ Pensando no valor cultural da metáfora, rato ainda pode significar: sujo, ladrão.

uma nova forma de conceber a objetividade, a compreensão, a verdade, o sentido e a metáfora.

Diferentemente das antigas concepções que acreditavam ser possível acessar o conhecimento verdadeiro, as coisas como elas realmente são, este novo paradigma rejeita esses pressupostos, trazendo a ideia central “de que a categorização é o resultado de uma construção central”. (ORTONY, 1993, p. 1-2 *apud* ZANOTTO et al., 2002, p. 13).

Desse modo, a metáfora tornou-se objeto central de estudo de áreas como a ciência humana (ciências da linguagem) e a psicologia cognitiva. As pesquisas que surgiram com este novo modo de enxergar a metáfora se baseavam:

Segundo Honeck (1980), no fato de que a linguagem figurada se constituía um sério problema para as teorias de compreensão e o seu estudo poderia lançar luzes sobre o processo de compreensão em geral. Johnson (1980) também justificava a necessidade de investigações empíricas sobre o processo de compreensão da metáfora por ser um caminho para desvendar seu *status* epistemológico. (ZANOTTO et al., 2002, p. 14)

Justamente nesse contexto, surge em 1980 o livro de George Lakoff e Mark Johnson “*Metaphors we live by*”, o qual defende um sistema conceptual metafórico que é subjacente à linguagem. Assim, a metáfora é conceptual e exerce grande influência no comportamento do homem. Isso se deve principalmente ao fato de as metáforas serem culturais. O que quer dizer que além de refletirem a ideologia de um grupo de pessoas, as metáforas conceptuais são tão comuns que o indivíduo raramente percebe quando as utilizam, e este uso geralmente envolve metáforas relacionadas ao corpo humano.

Os teóricos seguiram o pensamento de Reddy (1979) que realizou uma investigação rigorosa de enunciados linguísticos no seu ensaio “*The conduit metaphor*” ou “metáfora do canal”. Reddy acreditava que uma sociedade com comunicadores melhores poderia ter menos conflitos, assim, procurou investigar como o problema da comunicação se apresentava para os falantes de língua inglesa.

Reddy, de acordo com Lakoff e Johnson (2002), percebeu que os diversos enunciados podem ser organizados em quatro categorias que formam a base da metáfora do canal. Essas categorias alegam que a comunicação funciona como um canal, na qual o ouvinte tem a função de pegar o significado das palavras e colocá-lo na cabeça.

Para Lakoff e Johnson (2002), a metáfora é um elemento essencial para a categorização do mundo e de nossos processos mentais. Desse modo, a metáfora é parte fundamental da linguagem cotidiana, como estruturas conceituais.

Como o próprio nome do livro já afirma: “*metaphors we live by*”, traduziria-se como “as metáforas que nós vivemos/ em que vivemos”. Isso quer dizer que as metáforas estão infiltradas no nosso cotidiano, não se restringindo apenas à linguagem, mas também nos nossos pensamentos e ações.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002), o sistema conceitual que governa nosso pensamento governa também os detalhes mais corriqueiros, estruturando o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo, como nos relacionamos com as pessoas, etc. Assim, ao sugerir que esse sistema é metafórico, tudo o que experienciamos e fazemos diariamente é também metafórico.

Para melhor explicitar como um conceito pode estruturar uma atividade cotidiana, os teóricos trazem o conceito DISCUSSÃO e a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA:

DISCUSSÃO É GUERRA

Seus argumentos são *indefensáveis*. (Your claims are indefensible).

Ele *atacou todos os pontos fracos* da minha argumentação. (He *attacked every weak point* in my argument).[...]

É importante perceber que não somente falamos sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com quem discutimos como um adversário. Atacamos suas posições e ganhamos as nossas. [...] Embora não haja uma batalha física há uma batalha verbal.[...] É nesse sentido que DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos na nossa cultura: ela estrutura as ações que realizamos numa discussão.

Em seguida, os autores trazem a hipótese de uma cultura em que as discussões não são vistas como guerra, mas como uma dança. Em que quem participa seja visto como dançarino, que o objetivo seja realizar uma dança equilibrada. Nessa cultura, as pessoas iriam enxergar e se referir à discussão de uma nova maneira, provavelmente criando metáforas próprias dessa cultura, ao passo que nós provavelmente não entenderíamos. Isso quer dizer que a compreensão da metáfora dependerá muito da forma que enxergamos determinado termo. Na nossa cultura, uma discussão é vista como uma guerra, por isso metáforas do tipo “atacou meus argumentos” são totalmente compreensíveis. Já em outra cultura que a discussão seja vista de uma forma diferente, como uma dança por exemplo, as

metáforas que falem da discussão como dança provavelmente não serão compreendidas.

Nesse sentido, **a metáfora é conceptual** pois conceitualiza algo. Em um dos exemplos citados acima, discussão é tratada como uma guerra: “A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 47). Lakoff e Johnson trazem o conceito de **expressão metafórica** para se referir às expressões linguísticas individuais que são uma manifestação da metáfora conceptual. Essas expressões metafóricas, segundo os teóricos, são ligadas aos conceitos metafóricos de uma maneira sistemática e podem ser utilizadas para estudar a natureza dos conceitos metafóricos. Por exemplo, a frase que os próprios autores trazem “tenho *investido* muito tempo nela. (I’ve *invested* a lot of time in her.)” é uma expressão metafórica que advém da metáfora conceptual “TEMPO É DINHEIRO”.

Outros conceitos⁵ importantes para a teoria de Lakoff e Johnson (2002), que já falamos anteriormente de forma breve, são os conceitos de **Domínio**, e de **mapeamento**. O domínio se refere à área de experiência humana ou de conhecimento. Para definir melhor, os autores recorrem à conceptualização de AMOR COMO VIAGEM. Dessa forma, a metáfora é entendida como um mapeamento (relações entre os domínios) de um domínio fonte (no caso, a viagem) à um domínio alvo (neste caso, o amor). O domínio fonte em geral é algo concreto (viagem), algo que usamos para conceitualizar alguma coisa; enquanto o domínio alvo é aquele que queremos conceitualizar, sendo em geral algo mais abstrato (amor). (ZANOTTO et al. 2002, p. 24).

As metáforas, de acordo com Lakoff e Johnson (2002), são representações mentais, cognitivas que tomam forma na escrita e na fala por meio das expressões metafóricas. O acesso à essas metáforas ocorre de maneira automática, pois elas já estão internalizadas na nossa mente. Não há dificuldades tanto para ouvir/ler, quanto para produzir as expressões metafóricas, pois assim que isso acontece, rapidamente a metáfora conceptual é acionada na mente.

Um ponto importante que os autores trazem e estabelecem um contraponto com as vertentes tradicionais da metáfora é a ideia de que as metáforas são inconscientes. Segundo Lakoff e Johnson (2002), as metáforas acontecem de forma

⁵Zanotto et al (2002) apontam que esses conceitos foram incorporados à teoria em publicações posteriores (1986 e 1993).

inconsciente, não parecendo metáforas. Por serem culturais, as metáforas refletem o modo de enxergar o mundo das pessoas, fazendo parte do dia a dia delas, o que difere das abordagens mais tradicionais que definem a metáfora como uma figura de estilo, algo para embelezar a linguagem.

Os autores classificam a metáfora conceptual em diferentes tipos de metáfora: as metáforas estruturais, orientacionais e as ontológicas. Para entendermos melhor como cada metáfora funciona trataremos a seguir de cada uma delas mais detalhadamente.

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 59), as **metáforas estruturais**⁶ são “casos nos quais um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro”, são as que resultam de mapeamentos completos.

Diferente delas, temos as **metáforas orientacionais** que não estruturam um conceito em termos do outro, mas “organiza todo um sistema de conceitos em relação ao outro”. São chamadas dessa maneira pois a maioria tem algo relacionado com orientação espacial, com direção como: para cima-para baixo, dentro-fora, frente-trás, em cima de- fora de (on-off), fundo-raso, central-periférico. Essas metáforas possuem uma sistematicidade, não são somente casos isolados e aleatórios: “As metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA. O fato de o conceito FELIZ ser orientado PARA CIMA leva a expressões como ‘Estou me sentindo *para cima* hoje’”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 59).

Para corroborar com seu argumento, os autores trazem diversos exemplos de metáforas orientacionais e expressões metafóricas como:

SAÚDE E VIDA SÃO PARA CIMA; DOENÇA E MORTE SÃO PARA BAIXO
 Ele está no *auge* da sua forma física. (He's at the *peak* of health..)
 Lázaro *levantou-se* dos mortos. (Lazarus *rose* from the dead.)
 [...] Base física: Doenças graves nos forçam a ficar deitados. Ao morrer, ficamos deitados.
 TER CONTROLE ou FORÇA É PARA CIMA; ESTAR SUJEITO A CONTROLE ou FORÇA É PARA BAIXO
 Tenho controle *sobre* ela (I have control *over* her.)
 [...] Ele *caiu* do poder. (He *fell* from power.)
 [...] Base física: Tamanho está ligado normalmente à força física e o vencedor numa luta está normalmente por cima. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 61).

⁶ Comparado a outros tipos de metáfora, os autores não discorrem tanto sobre as metáforas estruturais, por este motivo não adentramos mais no assunto.

Assim como Lakoff e Johnson (2002), Boers (1999, p. 49) compreende que o corpo humano é a principal fonte de metáforas (principalmente as orientacionais). Para corroborar com seu argumento, o autor mostrou sua pesquisa que indicava que o corpo se torna mais notável quando começa a funcionar mal. Como a maioria das doenças comuns estão relacionadas a condições climáticas adversas, como o inverno, a pesquisa provou que o uso das metáforas de saúde é mais frequente no inverno. Isso quer dizer que se essas metáforas levam às pessoas um pensamento abstrato, então a flutuação de estações do ano pode ser tomada como evidência indireta da experiência corporal e o pensamento abstrato.

As **metáforas ontológicas** assim nomeadas por Lakoff e Johnson (2002) são o tipo de metáfora que concretizam alguma coisa que é abstrata. Por meio delas, podemos medir, contar, fracionar uma “entidade”. Metáforas ontológicas são “formas de conceber eventos, atividades, emoções, ideia etc. como entidades e substâncias”. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 76).

No exemplo dado pelos autores, temos a experiência de aumento de preços que é vista como entidade através do substantivo ‘inflação’. A inflação é algo abstrato, contudo nas expressões metafóricas “precisamos combater a inflação/a inflação está nos colocando em um beco sem saída” ela adquire características de entidade, podendo realizar ações como “colocar alguém em um beco sem saída”, quantificá-la, etc.

Sobre esse fenômeno, Boers (1999, p. 47) afirma:

Again, different metaphors are usually available to conceive of an abstract phenomenon. The human mind, for instance, is commonly understood as an EDIFICE, a piece of MACHINERY, a COMPUTER, an ORGANISM, and soon (e. G., Roediger, 1980). as each metaphor maps its proper inference patterns, they may guide one's reasoning about abstract phenomena⁷. (BOERS, 1999, p. 47).

Muitas vezes as metáforas ontológicas são tão naturais no nosso dia a dia que passam despercebidas como sendo metáforas. Um exemplo são as metáforas ontológicas “MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO- O seu ego é muito frágil/ Ela é

⁷Novamente, diferentes metáforas estão geralmente disponíveis para conceber um fenômeno abstrato. A mente humana, por exemplo, é comumente entendida como um EDIFÍCIO, uma peça de MAQUINARIA, um COMPUTADOR, um ORGANISMO e assim por diante (e. G., Roediger, 1980). Assim como cada metáfora mapeia seus próprios padrões de inferência, eles podem guiar o raciocínio de alguém sobre os fenômenos abstratos. (Tradução nossa)

facilmente esmagada” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 79). Sobre isso, os autores afirmam:

O fato de serem metafóricas nunca ocorre à maioria das pessoas. Nós consideramos afirmações como “ele explodiu sob pressão” como sendo diretamente falsas ou verdadeiras. [...] A razão disso é que metáforas como MENTE É UM OBJETO QUEBRADIÇO são uma parte integrante do modelo de mente que temos em nossa cultura; é o modelo em função do qual nós pensamos e agimos. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 81)

Como vimos, as metáforas já estão tão internalizadas na nossa língua que muitas vezes expressões como a que os autores citaram não são nem vistas como metafóricas. Isso se deve principalmente ao fato de que nossa cultura possui concepções para cada coisa, com base nisso, se mente é tido como algo quebradiço, logo, expressões desse tipo passam despercebidas.

Os teóricos definem a **personificação** como metáforas ontológicas nas quais os objetos são concebidos como pessoas. Em todos os casos, algo não humano adquire características humanas. Assim, a personificação é uma metáfora ontológica que cobre uma gama enorme de significados, cada um selecionando aspectos diferentes de uma pessoa. Um exemplo de personificação seria “a inflação roubou as minhas economias” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 88). Nesse exemplo, concebemos a inflação como um adversário, que nos faz sofrer perdas econômicas.

Diariamente vemos exemplos de personificação, como “chutei o dedinho no pé da cama”, “o portão está *gritando* de tão enferrujado que está” ou ainda “meu computador não *quer* pegar”. Nessas frases, todos os objetos inanimados adquirem características humanas, como a ação “gritar”, a parte do corpo “pé” e o sentimento “querer”.

Existem muitas abordagens que tratam da metáfora conceptual, cada uma delas possui algo relevante para a teoria que merecia ser discutido sobre. Contudo, não seria possível tratar de todas elas aqui, visto que muitas dessas vertentes diferem em alguns pontos, por isso, escolhemos a abordagem que consideramos como a precursora da metáfora conceptual.

2.2.3 Metáfora Sistemática

Encabeçada pela educadora inglesa Lynne Cameron nos anos 2000, sendo conhecida também por abordagem discursiva ou metáfora em uso, a metáfora sistemática é uma vertente recente, que “preconiza a atenção ao uso recorrente da

metáfora na linguagem, antes de fazer alegações sobre o funcionamento da mente” (SARDINHA, 2007, p. 17).

A principal característica dessa abordagem, segundo Sardinha (2007), é a primazia dada à metáfora em uso. Para os estudiosos dessa linha, o uso da metáfora é o que deve ser estudado antes de mais nada, e quaisquer suposições sobre como funciona o processo mental dos indivíduos é secundário, e só necessita ser feito se houver dados do evento-discurso em questão. Com isso, essa vertente opta por um caminho distinto ao da Teoria Cognitiva, visto que o objetivo inicial desta é estudar os processos mentais da metáfora antes da realização linguística.

Para Cameron (2010), precursora dos estudos da metáfora sistemática, grupos de pessoas que passam o tempo no mesmo lugar ou falando sobre as mesmas coisas irão compartilhar as mesmas metáforas. Esse conceito se relaciona com a teoria da Metáfora Conceptual, o exemplo que Lakoff e Johnson propõem sobre discussão explica bem isso. Somente pessoas que convivem no mesmo local tendo discussão como uma guerra irão entender metáforas desse tipo.

De acordo com Sardinha (2007), essa abordagem surge motivada pelo ceticismo dos seus estudiosos diante de algumas alegações da teoria da metáfora conceptual que não foram provadas, como por exemplo, a de que todas as pessoas podem acessar a mesma metáfora conceptual independentemente do contexto que elas estejam inseridas. Já para a metáfora sistemática, é necessária uma ocorrência sistemática de metáforas linguísticas para poder alegar-se que alguma metáfora mental está em jogo e em determinado contexto.

Dentre as principais influências dessa abordagem citadas por Sardinha (2007), vale destacar Mikhail Bakhtin, famoso filósofo russo da linguagem que empresta o conceito de alteridade⁸para vertente, e Lev Vygotsky, psicólogo russo que tem sua noção de pensamento como ação internalizada utilizada pela metáfora sistemática. Assim, as metáforas fariam sentido para algumas pessoas porque elas conseguiram abstrair e internalizar seus respectivos conceitos a partir de suas experiências.

⁸ “Para a metáfora, esse conceito implica dizer que existe uma diferença entre uma pessoa e outra que não pode ser transposta literalmente (uma pessoa não pode ser outra), mas sim pela metáfora (para entender a metáfora de alguém, nos transpomos para a posição do outro).” (SARDINHA, 2007, p. 43). “Neste caso, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.” (BAKHTIN, 2015a, p. 272). A relação de alteridade, assim, se situa sobre o lugar que o outro ocupa no processo de interação. Desse modo, como afirma Magalhães e Oliveira (2011, p. 106), ao mesmo tempo que o outro aparece como construtor do sujeito, este outro é construído por ele, estabelecendo uma relação mútua de constituição.

Os principais conceitos dessa abordagem, seguindo o pensamento de Sardinha (2007, p. 38) são:

Metáfora sistemática: [...] uma formulação metafórica abstrata que resume uma série de metáforas linguísticas usadas por um indivíduo ou um grupo de pessoas em determinado contexto.

[...]Metáfora linguística: uma unidade de sentido (oração, na escrita, ou enunciado, na fala) usada metaforicamente. Por exemplo, 'ele subiu na vida', dita por um amigo a outro em uma conversa informal, é uma metáfora linguística, pois contém palavras usadas metaforicamente. [...] Quando o analista sabe que uma metáfora linguística foi entendida metaforicamente, pode se referir a ela como metáfora processual.

[...]Metáfora processual: uma palavra, expressão ou frase que sabemos ter sido entendida metaforicamente por alguém. 'Processual aqui se refere ao processo mental.

Metaforema: [...]é uma forma linguística que possui uma forma estável e recorrente e se associa regularmente com um sentido semântico e pragmático.

Tendo em vista que nessa abordagem o foco é o uso da língua, toda a terminologia utilizada para analisar a língua na busca por metáfora é importante e precisa. Os termos adotados por essa vertente, conforme Sardinha (2007), são o veículo, o tópico e o domínio de veículo/tópico.

O **veículo** seria partes da metáfora linguística que contenha palavras usadas metaforicamente, o **tópico** seria a parte que contém palavras as quais os veículos se referem. Por exemplo, na frase dita pelo autor "ele subiu na vida", "subiu na vida" (que significa "enriquecer") seria o veículo, enquanto "ele" seria o tópico.

O domínio de veículo/tópico são as áreas de conhecimento referentes ao Veículo e ao Tópico. O domínio de veículo seria a parte abstrata e o domínio de tópico a parte concreta. Na metáfora, segundo Sardinha (2007, p.42): "ele subiu na vida, devagar, um degrau de cada vez', [...] a metáfora sistemática poderia ser ENRIQUECER OU ACUMULAR BENS MATERIAIS É SUBIR UMA ESCADA LENTAMENTE", o domínio de veículo seria "subir escadas" e o de tópico "enriquecer".

Essa abordagem surgiu devido à maior disponibilidade de dados autênticos. Por ser empírica em sua essência, as metáforas sistemáticas se revelam por meio de frases, palavras e expressões empregadas pelos participantes, o que impõe desafios metodológicos. Por trabalhar com um material em grande quantidade, o analista da metáfora precisa ajudar no desenvolvimento de programas de computador e usar estes programas especializados em pesquisar a metáfora em uso (SARDINHA, 2007).

Os estudiosos da metáfora possuem diversas concepções acerca do que ela é e como analisá-la. Um exemplo de visões distintas é a Metáfora Sistemática e a Metáfora Conceptual: enquanto a primeira acredita que a metáfora deva ser analisada

pelo seu uso, e qualquer outro tipo de análise é secundário; a teoria que escolhemos para estudo, a Metáfora Conceptual, acredita que a metáfora é essencial para a categorização do mundo e nossos processos mentais.

3 CARACTERIZAÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Nesta seção buscaremos detalhar as etapas percorridas ao longo deste estudo. Para isso, tentaremos descrever como se qualifica a pesquisa, as características do *corpus* e qual método foi utilizado para a identificação das metáforas.

3.1 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Esta pesquisa se qualifica como qualitativa de caráter documental, pois tem por objetivo compreender como se realiza o processo metafórico no texto humorístico usando para análise um trecho do vídeo do comediante brasileiro Whindersson Nunes, buscando identificar quais metáforas estão presentes e quais os papéis que elas desempenham na construção desse discurso.

Na primeira etapa da pesquisa, definimos o tipo de vídeo a ser analisado: os vídeos que o comediante posta frequentemente na plataforma do *Youtube* ou os shows de *stand-up* que ele publica anualmente. Por ter uma quantidade maior de temáticas em um único vídeo, por podermos observar a reação da plateia ao assistir ao comediante, e por ser um show que é realizado o ano inteiro em todo o Brasil, escolhemos o show de *stand-up*.

Para escolha do *corpus* tínhamos dois shows produzidos por ele, o de 2016 e o de 2017⁹. Por ser uma das primeiras apresentações da sua carreira, escolhemos o vídeo de 2016, no intuito de buscarmos em qual momento é possível identificar as metáforas. O vídeo que escolhemos, intitulado “Whindersson Nunes em Marminino (show completo)”, foi gravado em Salvador- Bahia, tem duração de uma hora, dez minutos e cinquenta segundos (1:10:50), e pode ser dividido em muitas temáticas, das quais escolhemos apenas uma como *corpus* da pesquisa, por possuir a maior incidência de metáforas: a temática **família** que vai de vinte e dois minutos e cinco segundos (22:05) até uma hora, oito minutos e quarenta e cinco segundos (1:08:45) e possui cerca de trinta e cinco enunciados metafóricos.

Em um segundo momento, selecionamos a temática que nos debruçamos, em seguida realizamos a transcrição não apenas das metáforas, mas de todo o contexto que elas estavam presentes, no intuito de facilitar a sua compreensão. Para identificar

⁹ O show de 2018 não foi publicado na plataforma do *Youtube* até o momento da seleção do corpus.

as metáforas tínhamos quatro métodos descritos por Sardinha (2007): o de introspecção, a leitura, o uso de um programa de computador para buscar palavras ou expressões pertencentes a metáforas (concordanciador), e o uso do programa de computador especializado em identificar os candidatos a metáfora (identificador de metáforas). Considerado pelo autor um método manual, assim como um dos mais tradicionais no trabalho com metáforas, o método de leitura foi o que escolhemos para a nossa pesquisa¹⁰, pois mesmo existindo outros métodos de identificação, este foi único que se adequou ao nosso trabalho. Nele, o analista lê o texto de forma minuciosa, prestando bastante atenção nas ocorrências que ele julgar metafóricas.

Há duas variantes para o método da leitura: ler o texto tentando localizar quantas metáforas houver, ou ler procurando por metáforas específicas. Um dos problemas que o autor indica na identificação de metáforas é o fato de que “qualquer coisa pode ser expressa metaforicamente”. Desse modo, para ajudar na identificação das metáforas do ponto de vista teórico, devemos procurar um parentesco entre os enunciados metafóricos:

[...] ('Julieta é o sol' é muito distinta de 'a gente precisa vestir a camisa da empresa'), mas mesmo assim, conseguimos notar semelhanças entre elas. Semelhança familiar em si é uma metáfora e quer dizer (a) que as metáforas formam uma família, com indivíduos exibindo feições parecidas de algum modo; (b) que conseguimos reconhecer nossos parentes próximos (pai, mãe, filho, irmãos) mesmo quando eles são bem diferentes de nós [...] (SARDINHA, 2007, p. 148)

Isso significa que as metáforas estabelecem um grau de parentesco entre si, contudo, há casos que a dúvida nessa relação permanece, para isso deve existir um procedimento de salvaguarda, que inclusive utilizamos em nossa pesquisa. Durante todo o processo, nós lemos os enunciados, relemos individualmente, comparamos nossas análises, e discutimos os casos duvidosos na tentativa de confirmar se determinadas expressões eram mesmo metafóricas ou não. Quando a dúvida perdurava, pesquisávamos em outros textos e *corpora*, buscando exemplos de parentesco entre os enunciados metafóricos.

Por último, definimos as metáforas como conceptuais, identificando nas expressões metafóricas os termos que poderiam ser relacionados aos Domínios,

¹⁰ Este método nos pareceu o mais adequado, tendo em vista que o método da introspecção utiliza exemplos inventados e Sardinha (2007) afirma que na metáfora conceptual nenhum programa de computador consegue sequer identificar os possíveis candidatos à metáfora.

relacionando-as às grandes metáforas conceituais e por fim classificando-as como metáforas estruturais, orientacionais, etc.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para facilitar a compreensão, em uma tentativa de sistematizar a análise, decidimos investigar os casos de metáfora por grupos, que foram classificados, de acordo com Lakoff e Johnson (2002), por metáforas ontológicas, animais, dentre outras¹¹. A personificação é particularmente abordada no texto de Lakoff e Johnson (2002) como um tipo de metáfora ontológica.

4.1 METÁFORA ONTOLÓGICA - PERSONIFICAÇÃO

Sobre este fenômeno, Lakoff e Johnson (2002, p. 87) classificam como “as metáforas ontológicas mais óbvias [...] nas quais os objetos físicos são concebidos como pessoas”. Em relação a isto, não quis classificar os exemplos que veremos abaixo na definição exata que os autores afirmam “algo não humano como sendo humano”, pois, ao meu ver, verbos como “acordar, ver” dentre tantos outros não se relacionam apenas com pessoas, mas também com outros seres vivos.

No exemplo abaixo, “ele” se refere ao pai do humorista, que ao acordar deseja que todos os moradores da casa em que vive acordem também.

Ex.: “ele quer que **a casa acorde** toda com ele” (22:05)

Na metáfora acima, podemos notar que o termo fonte “casa” adquire características de um ser vivo pelo uso do termo alvo “acorde”, ganhando assim um sentido conotativo na frase. Ao ouvirmos que a casa acorda, entendemos que as pessoas que vivem na casa acordam, não a casa em si.

Ex.: “**portão não via** um óleo tinha uns quinze ano” (49:40)

Nesta expressão tem-se o sentido conotativo através do termo alvo “via”. Sabemos que quem vê são pessoas, animais, no entanto, no exemplo acima quem vê não são seres vivos mas sim o termo fonte “portão” que é um objeto inanimado. Deste

¹¹ Existe no *corpus* a presença de outras metáforas, porém, enquanto analista à luz da teoria da Metáfora Conceptual não encontramos categorias em que essas metáforas se encaixam, tampouco conseguimos criar novas categorias.

modo o portão adquire características humanas, ocorrendo assim o processo da personificação.

Ex.: “ele (o portão) quase **grita** o nome da minha mãe” (49:45)

A expressão que acabamos de ver pode ser explicada da mesma forma do exemplo anterior. Assim como vimos no exemplo acima, o termo fonte “ele”, que seria o portão realiza uma ação “grita”, caracterizando-se assim como mais um exemplo de personificação.

Atrelando todas as expressões metafóricas acima, à metáfora conceptual que Lakoff e Johnson (2002) propõem, teríamos a metáfora: OBJETO INANIMADO É SER VIVO.

4.2 METÁFORA ANIMAL

Quando na expressão metafórica uma pessoa adquire características animais, temos as metáforas animais, como: “eu sou uma anta” e “ele é tão galinha”. De acordo com Kovecses¹² (2010 apud Cavalcanti e Pelosi 2016, p. 273) as metáforas animais podem ser avaliadas como:

o terceiro domínio-fonte mais produtivo das Metáforas Conceptuais presentes em nosso sistema conceptual. Nessa perspectiva, tal autor estima que, além de boa parte do comportamento humano parecer ser compreendido em termos de comportamento animal, isto é, pela Metáfora Conceptual comportamento humano é comportamento animal (doravante, MC comportamento humano é comportamento animal), pessoas seriam igualmente conceptualizadas em termos de animais, isto é, pela MC ser humano é animal, a exemplo de expressões em português: ‘A jararaca chegou’; ‘Não sei como ela se casou com aquele cavalo batizado’; ‘Ele é um verme’; ‘A vaca da minha chefe não veio hoje’. Kövecses (2010) pondera ainda que, apesar de grande parte das metáforas animais parecerem mapear características negativas dos seres humanos, algumas dentre elas não o fariam, a exemplo de mulher sexy é gatinha”)

Como afirma Kovecses (2010 apud Cavalcanti e Pelosi 2016, p. 273), muitos comportamentos animais parecem explicar o comportamento humano, além de mapear em geral características negativas (e às vezes positivas) dos homens que

¹² Lakoff e Johnson(2002) não se debruçam sobre as metáforas animais. Por isso, resolvemos trazer essa concepção de Kovecses (2010 apud Cavalcanti e Pelosi, 2016) para melhor entendimento.

muitas vezes outros adjetivos não são capazes de retratar da maneira esperada. Veremos abaixo muitas expressões metafóricas que demonstram bem esse pensamento e que se relacionadas à Teoria da Metáfora Conceptual fazem parte da Metáfora COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL.

Ex.: “pra **jumenta veia** lavar” (29:43)

No contexto da frase acima, o termo fonte ‘mãe’ está lavando os pratos e reclamando que a única que trabalha na casa é ela. Ao se chamar pelo termo alvo ‘jumenta veia’, ela transmite a ideia que trabalha muito, como um jumento. O uso dessa palavra pode estar ligada à expressão já conhecida “burro de carga”, mas nos questionamos sobre o porquê dela não utilizar esta última. Por se denominar ‘jumenta veia’, ela implica também que já é de idade mais avançada (variação de velha).

Ex.: “menino é **bicho** ruim”/53:07- “criança é **bicho** sem vergonha” (33:33)

Nas duas frases, podemos entender o que Kovecses (apud Cavalcanti e Pelosi, 2016) quer dizer ao afirmar que grande parte das metáforas animais retratam características negativas dos seres humanos. Ainda que inconscientemente, o enunciador muito provavelmente utilizou o termo “bicho” em uma tentativa de enfatizar ainda mais os adjetivos “ruim” e “sem vergonha”. Ao afirmar que “menino é bicho ruim” e “criança é bicho sem vergonha”, o enunciador caracteriza o animal como sendo ruim e sem vergonha também.

Ex.: “eu não tenho filho não, tenho é uns **cachorro**” (30:28)

No enunciado acima, a mãe afirma que seus filhos comem muito e por essa razão os classifica como cachorros. Ao afirmar que o termo fonte “filhos” são cachorros por comerem muito, o enunciador acaba atribuindo aos filhos uma característica negativa.

Ex.: “presta atenção **besta**” (36:56)/ “vou não **besta**, passa” (1:05:57)/ “**tomava** distância que eu não sou **besta**” (1:06:31)

Algumas das definições da palavra “besta”, de acordo com o Dicionário online Michaelis (2019), seriam:

1. Que ou aquele que é grosseiro ou ignorante; burro[...]; Que ou aquele que é arrogante ou pretensioso [...]; Diz-se de algo sem importância ou insignificante [...]; Diz-se de algo que é comum ou vulgar [...]; Que fica admirado ou assombrado; pasmo.

A palavra “besta”, presente nos três enunciados acima não se encaixa em nenhuma das definições presentes no dicionário que citamos, um sinônimo mais adequado para este adjetivo seria o de indivíduo “tolo, ingênuo”. Analisando melhor o contexto da segunda expressão “vou não besta, passa” é que podemos entender melhor o porquê da pessoa em questão ser considerada tola.

No contexto, uma criança fez uma coisa errada e está com medo de apanhar da mãe. A mãe ordena que a criança entre na casa, e o menino com medo se recusa afirmando “mãe vai me bater...”, ao passo que ela nega e com o cinto na mão diz “vou não besta... passa...” para logo em seguida bater com o cinto na criança. Sendo assim, a mãe enganou o menino que fora tolo de entrar na casa, justificando assim o uso do termo “besta”.

4.3 METÁFORAS SENSORIAIS¹³

Nos enunciados abaixo, vemos metáforas que estão ligadas às experiências sensoriais e motoras, a ideia que calor é bom e algo positivo, gelo é ruim e negativo:

Ex.: “já me dava aquele **gelo**” (42:45)/ “**bateu aquele gelo**”(50:11) / “**me deu um gelo** tão grande” (50:30).

Ao afirmar que “dava aquele gelo, bateu aquele gelo”, o enunciador declara que tinha medo, e medo pode ser considerado um sentimento ruim. De acordo com Campos (2013, p.55), estas metáforas:

¹³ Essa classificação: “metáforas sensoriais”, assim como em “metáforas de céu e inferno” e “metáforas de objetos” não são descritas por Lakoff e Johnson em seu estudo. Em nossa pesquisa, todas as expressões metafóricas que encontramos foram classificadas em metáforas conceptuais, porém, essas categorizações não derivam de Lakoff e Johnson. O termo “metáforas sensoriais” pertence aos estudos em Psicologia. Já nos dois últimos (metáforas de céu e inferno e metáforas de objetos), tendo em vista que procuramos um trabalho categorizando as expressões que tínhamos e não encontramos, (mesmo podendo existir) resolvemos nós mesmos categorizar estes fenômenos.

estão fortemente baseadas em nossas experiências diárias que ligam nossas experiências sensoriais e motoras ao domínio de nossos julgamentos. Como exemplo, apresenta-se a metáfora “AFETO É CALOR”, pois nossas primeiras experiências de afeto correspondem a nossas experiências físicas de calor ao sermos abraçados.

A expressão “dar um gelo” na grande maioria das vezes significa ignorar alguém, manter distância de determinada pessoa. Em outros casos, “gelo” está ligado a pessoas secas, desprovidas de afeto, como em “ela tem um coração de gelo”. Ou ainda em outros casos, gelo indica uma relação de distância entre duas pessoas, como em “é necessário quebrar o gelo entre nós”. Nas frases acima, o termo alvo “gelo” indica o medo que o enunciador sente. De qualquer modo, gelo pode ser considerado como algo negativo, assim poderíamos atrelar estes enunciados metafóricos à metáfora conceptual CALOR É AFETO.

4.4 METÁFORAS DE CÉU E INFERNO

Na primeira e segunda frase, contextualizando, a família vive no nordeste, a mãe vê o filho correndo e fala pra amiga “olha lá onde é que tá o capeta/ esse menino é o djabo Cláudia!”, os termos alvo “capeta” e “djabo” caracterizam o termo fonte “menino” que não está indicado na primeira frase, porém podemos compreender de quem se trata.

O capeta ou diabo é conhecido por ser um anjo caído, que por um ato de maldade foi rebaixado do céu ao inferno. Desde então, vive reinando no inferno para castigar todos aqueles que morrem e não têm direito ao céu, por conta de seus pecados e atitudes ruins que cometeram antes de morrerem. Ao afirmar que seu filho é um capeta, a mãe o caracteriza como ruim, levado, que não obedece às suas ordens, visto que o diabo é tido por muitos como uma criatura ruim, a encarnação do mal.

No contexto da terceira expressão metafórica “parecia a visão do inferno”, o enunciador vê muitos meninos juntos e afirma que são muito feios, por isso os chama de “visão do inferno”, que seria o termo alvo. Inferno, de acordo com a crença dos que acreditam, seria o local para onde vai todas as almas que não merecem o céu. Muitos acreditam ser um lugar onde as coisas mais terríveis e ruins acontecem, pois é lá que

estas almas serão castigadas. Ao dizer que os meninos parecem “a visão do inferno”, o enunciador implica que o inferno é feio, já que os meninos são feios.

Desse modo, podemos entender que do ponto de vista do enunciador o inferno e tudo que nele se encontra é ruim, pois todas as frases ditas por ele em que figuras relacionadas ao inferno estão presentes estão ligadas à algo negativo, ruim. Conseqüentemente, podemos supor que o céu seria tido por ele como algo bom, como em “esse menino é um anjo/estou no céu/ essa vida é um paraíso”. Assim, poderíamos ligar essas expressões à metáfora conceptual: CÉU É BOM, INFERNO É RUIM.

4.5 METÁFORAS DE OBJETOS

Vimos que quando uma pessoa na metáfora adquire características de animais, temos as Metáforas Animais, como em “ele é um cachorro”. Diferente desse tipo de metáfora, mas ao mesmo tempo tendo algo em comum, durante nosso estudo, identificamos expressões metafóricas em que seres humanos são comparados à objetos. O motivo pelo qual isso acontece pode ser o fato que os objetos conseguem retratar exatamente o que o enunciador quer transmitir, coisa que outro adjetivo não conseguiria. Nas frases abaixo, veremos alguns exemplos desse tipo de metáfora:

Ex.: “ninguém sabe se é o menino chorando ou o samu chegando” (38:14)

Nesse primeiro exemplo, o enunciador compara o som do choro do menino com o som da ambulância do SAMU. Ao afirmar isso, o termo fonte “menino chorando” adquire características antes pertencentes apenas ao termo alvo que não está explícito “ambulância” e imaginamos logo que o menino tinha um choro muito alto e muito estridente, assim como o objeto.

Classificamos “ambulância” como o termo alvo pois “samu” é um serviço complexo de atendimento pré-hospitalar de urgência, composto por uma central de atendimento, médicos, enfermeiros, dentre outros. Por este motivo não se encaixaria como termo alvo, já que o enunciador se refere apenas ao som que a ambulância do samu faz.

Ex.: “tu tá **ligado** que teu pai é meu pai também né?” (48:45)

No exemplo acima, a metáfora se estabelece a partir da gíria “tá ligado”, que significa “saber/compreender”. Quando ouvimos expressões como esta diariamente nós não temos dificuldade para compreender, contudo se pararmos para analisar literalmente o sentido da palavra “ligado” veremos onde está o efeito metafórico, pois o que liga são máquinas, lâmpadas e não pessoas. Assim, a metáfora se estabelece na relação entre o termo fonte “tu”, que é uma pessoa e não uma máquina, e o termo alvo “ligado”.

Ex.: “quando ele termina de chorar parece que tá **ligando** uma moto” (52:50)

Esta frase é similar ao primeiro exemplo que vimos desta categoria. Nela o choro de uma criança é comparado ao barulho de uma ambulância, já nesta o termo fonte “chorar” é comparado ao barulho de uma moto (termo alvo: ligando uma moto), sugerindo assim que o choro é tão estridente quanto a moto.

Ex.: “eu sou pintado de tatuagem, eu pareço uma cadeira de escola pública, todo pintado” (22:34)

No enunciado acima, o termo fonte “eu” e o termo alvo “cadeira de escola pública” são os responsáveis pelo sentido conotativo da frase. Ao afirmar que parece com uma cadeira de escola pública uma pessoa adquire características de um objetivo físico. Se fôssemos categorizar as frases que vimos em uma metáfora conceptual teríamos: PARTES DO CORPO HUMANO SÃO OBJETOS.

Conseguimos em nossa análise classificar as expressões metafóricas que encontramos em diversas categorias, de acordo com a teoria da Metáfora Conceptual. Contudo, devido à grande diversidade de fenômenos metafóricos, muitas das categorias que usamos em nossa análise não foram criadas por Lakoff e Johnson, e sim provenientes de outras áreas. O que não prejudicou à pesquisa, pelo contrário: o fato de a Metáfora ser objeto de interesse de outras áreas (como a Psicologia) só denota o quão relevante é o assunto e o quão importante é esta pesquisa para o meio acadêmico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido para conclusão do curso de Licenciatura em Letras, e teve como principal objetivo analisar as metáforas presentes em texto de *stand-up*, tendo por base a teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (2002).

Ao longo deste trabalho, tentamos elucidar algumas questões, a respeito do que é a metáfora e algumas concepções, e através da nossa análise pudemos responder à pergunta principal “é possível reunir expressões metafóricas em metáforas conceptuais?”. E sim, é possível, visto que conseguimos relacionar diversas expressões metafóricas em cinco metáforas conceptuais.

Para realização da análise, transcrevemos todo o vídeo, e a partir de uma análise minuciosa em que foi possível identificar várias temáticas, escolhemos a temática “família”, por possuir maior incidência de expressões metafóricas. Para identificação destas metáforas, utilizamos o método de leitura, que consistiu em ler todo o enunciado tentando identificar onde está a metáfora, reler o mesmo enunciado e comparar as análises.

Em seguida, tentamos organizar as expressões que julgamos metafóricas por grupos de metáforas estruturais, metáforas ontológicas, metáforas animais, metáforas sensoriais, metáforas de objetos e metáforas de céu e inferno. Assim que dividimos os grupos, tentamos explicar o porquê de determinadas expressões adquirirem sentido metafórico e relacionar os termos destas expressões que poderiam estar ligados aos conceitos de domínio (domínio fonte e domínio alvo).

Durante nossa análise, podemos observar alguns tipos de metáforas que estão mais presentes no texto que outros. Podemos identificar diversas expressões metafóricas de personificação (um tipo de metáfora ontológica), em que algo não humano exerce características de seres vivos. Decidimos não adotar a definição de personificação como “algo não humano sendo humano” de Lakoff e Johnson (2002), pois ao nosso entendimento, apesar do fenômeno ser denominado “personificação”, não só pessoas realizam atividades como “gritar, acordar” mas também outros seres vivos. Por isso, relacionamos as expressões que encontramos à metáfora conceptual **OBJETO INANIMADO É SER VIVO**.

Encontramos também muitos casos de metáforas animais, principalmente, metáforas animais que destacavam características negativas do ser humano que outros adjetivos não seriam capazes de retratar da mesma maneira. Dentre os casos

estudados, os que apareceram com mais frequência foram as frases com o termo alvo “bicho”, seguido de um adjetivo pejorativo como “ruim” e “sem-vergonha”, e com o termo “besta”, sinônimo de “tolo, ingênuo.” Atrelamos estas metáforas à metáfora conceptual COMPORTAMENTO HUMANO É COMPORTAMENTO ANIMAL.

As experiências sensoriais têm uma relevância significativa na nossa experiência com o mundo. Muitas vezes essas experiências comandam nosso modo de agir e durante nossa análise confirmamos o que Lakoff e Johnson (2002) afirmam sobre estas experiências influenciarem nosso modo de pensar e falar também. Encontramos alguns enunciados metafóricos em que o calor é visto como algo positivo e o frio como algo negativo, como “me deu um gelo tão grande”, por isso, denominamos estas expressões como metáforas sensoriais, e atrelamos estas metáforas à metáfora conceptual CALOR É AFETO.

Os dois últimos grupos que encontramos na nossa análise foram as metáforas de céu e inferno e as metáforas de objetos. Nesse primeiro grupo, pudemos observar que para o enunciador, tudo relacionado ao inferno é ruim, visto que em todas as frases os termos relacionados ao inferno possuem características negativas.

Assim, chegamos à metáfora conceptual CÉU É BOM, INFERNO É RUIM. Já no segundo grupo, observamos também casos que seres humanos são comparados à objetos. Nestes casos, o enunciador compara alguma característica humana à um objeto, como em “eu pareço uma cadeira de escola pública, todo pintado” e “ninguém se é o menino chorando ou o samu chegando”, o que nos levou à metáfora SERES HUMANOS SÃO OBJETOS.

Através desta pesquisa, pudemos observar o quão interessante é o processo metafórico. Pudemos notar que não é somente uma figura de linguagem “presa” à padrões, mas uma ferramenta poderosíssima na nossa linguagem, visto que a metáfora é parte fundamental da comunicação, usada como forte instrumento de retórica por advogados, jornalistas, políticos, entre outros. Por ser cultural, refletir nossas crenças e costumes, e fazer parte do nosso dia a dia justificamos aqui o quanto nossa pesquisa é importante para o meio acadêmico e a sociedade. Esperamos que nosso trabalho contribua nesses campos para desmistificar a ideia de que metáfora é uma figura presente apenas em textos poéticos, e sim um recurso linguístico fundamental para nossa comunicação e intrínseco a nossa língua.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. Gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 6. ed. Trad.: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015a, p. 261-306.
- BOERS, F. When a bodily source domain becomes prominent. In: GIBBS JR, R. W.; STEEN, G. J. (eds.). **Metaphor in cognitive linguistics**. Amsterdam: Library of congress cataloging, 1997, p. 47-56.
- CAMERON, L. What is metaphor and why does it matter?. In: CAMERON, L; MASLEN, R. **Metaphor analysis**. UK: Equinox, 2010.
- CAMPOS, A. R. F. F. Semântica cognitiva, as metáforas e a educação imaginativa. **Revista X**, v. 1, 2013. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/213923409/SEMANTICA-COGNITIVA-AS-METAFORAS-E-A-EDUCACAO-IMAGINATIVA>> Acesso em: 01 de junho de 2019.
- CAVALCANTI, F; PELOSI, A. C. As metáforas animais e suas implicações interacionais. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, p. 272-285, 2º sem. 2016. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2016v20n40p272/11089>> Acesso em: 04 de maio de 2019.
- COHEN, T. A metáfora e o cultivo da intimidade. In: SACKS, S. (org.). **Da metáfora**. Trad.: Leila C. M. D. et al. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992, p. 9-17.
- Dicionário online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=XeAb> > Acesso em: 10 de junho de 2019.
- DUCROT, O; TODOROV, T. Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. 2. ed. Trad.: Alice K. M. et al. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.
- FIORIN, J. L. Metáfora. In: _____. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014a, p. 34-36.
- _____. Metonímia, sinédoque e antonomásia. In: _____. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014b, p. 37-39.
- _____. Metáfora e metonímia, dois processos de construção do discurso. In: _____. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014c, p. 40-42.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. Metáforas da vida cotidiana. Trad.: Maria S. Z. (coord. de tradução). São Paulo: Mercado de letras/ Educ, 2002.
- MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 1, n.5, p.103-115, 1º semestre 2011.
- RICOEUR, P. Entre retórica e poética: Aristóteles. In: _____. **A Metáfora viva**. 2ª ed. Trad.: Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 17-62.

SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ZANOTTO, M. S. et al. Apresentação à edição brasileira. In: LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad.: Maria S. Z. (coord. de tradução.) São Paulo: Mercado de letras/ EDUC, 2002, p. 9-35.

Apêndice¹⁴

“21:45 É todo mundo louco lá em casa cara, papai, meu pai é louco cara, tem algum pai aqui pela frente? papai? Algum? cadê ó, aqui ó, é pai? como é seu nome pai?

Márcio- Márcio

W- Márcio? Márcio? É o Márcio... Márcio meu pai acorda muito cedo Márcio...Muito cedo, e pai ele tem um problema, **o pai no geral ele tem um problema que quando ele acorda ele quer que a casa acorde toda com ele** (risadas)...

E você pergunta pra quê, ele fala ‘PRA LEVANTAR RAPAZ!’ (risadas) Ele num quer fazer nada... Tu acorda que hora Márcio? (pergunta a um homem da platéia) Que hora tu acorda? oi? seis hora, oh meu Deus do céu, Márcio quando meu pai acorda o homem que apresenta o globo rural ainda tá escovando os dente Márcio... (risadas) Num tem quem aguento não cara viver, mamãe é louca, minha mãe é louca, minha mãe é louca, mamãe odeia quem tem tatuagem (riu)... **eu sou pintado de tatuagem, eu pareço uma escola de de... uma cadeira de escola pública toda riscada com uns priquito, umas rola, uns negócio...** (risadas) Todo riscado eu sou. E eu fui fazer a primeira tatuagem, mamãe odeia tatuagem, eu cheguei pra mãe, tem um momento na vida do adolescente que ele acha que ele manda em casa e eu cheguei em casa eu disse ‘mãe, eu vou fazer uma tatuagem’; ela disse ‘você não é mais meu filho whindson’ (risadas)

Eu disse ‘mãe só uma tatuagenzinha’, ela disse ‘não meu filho’. Oia desculpa que ela deu ‘meu filho quem tem tatuagem bate na mãe’ (risadas), eu disse ‘meu Deus do céu como é que deve tá a mãe do mcguimê né, que ali...todo dia é oito cassetada que ela leva (risadas)

26:11- Mamãe é louca cara, minha mãe é daquelas muié que assiste televisão em pé, num tem uma mãe que faz assim ó (faz gesto com a mão) (risadas)... cinco sofá sem ninguém, cê pede ela pra sentar ela zanga, só falta lhe bater ‘mãe senta’ ‘NÃO!’ (risada), aí sai, televisão ligada eu digo ‘vou desligar’, eu desligo parece que eu joguei uma pedra na cabeça dela, eu desligo, ela ‘QUEM FOOI?’ ‘foi eu a senhora num tá assistindo’ ‘EU TÔ ESCUTANDO!’ . Do outro lado da casa, eu digo, tiraram a audição

¹⁴ Consideramos esta seção como “apêndice” pois foi uma transcrição que nós realizamos. O vídeo ao qual fizemos a transcrição se encontra no *Youtube*, no canal do comediante Whindersson Nunes Batista.

da minha vó, do meu vô e botaram nela que eu num... Ela pode tá no Japão cara,, no Japão, derruba o controle da televisão a voz vem do Japão (de muito longe), 'QUEEBRA!' (risadas) Do nada. Do nada. 'Tu não sabe quanto é que custa!'

28:46- Tem uma frase que não sai da cabeça da sua mãe que é essa daqui ó 'esses minino um dia vão me enlouquecer!' (risadas). Vamo não, sabe quem enlouquece? Ela só. Mãe enlouquece sozinha. Só. Ela não precisa de fi pra enlouquecer não, vou lhe dar um exemplo, bem breve. Éééé....Cê tá comendo, almoçando né, normal todo mundo almoça isso é normal, mei dia, ali, uma hora da tarde, enquanto você tá comendo, ela tá lavando louça. Enquanto ela lava a louça, ela conversa com outra mãe que tem dentro da cabeça dela.) E começa a enlouquecer sozinha, pode prestar atenção. Ó o cara tá comendo ela tá lá lavando a louça ela fica assim ó, presta atenção: (gesto de quem tá lavando a louça) 'tem quem lave né... Olha ali onde é que tá ó... cumenu, só presta pra cumê. **Na hora que eu terminar de lavar ele chega com o prato e pan! pra jumenta veia lavar...hahahaha... aiai... (risadas)** vocês tão pensando que tem empregada...Cês vão dá valor é quando eu morrer....'

Não satisfeita com as coisa que ela fala sozinha, ela fica com raiva do que ela pensou. Aí ela vai tirar satisfação com você. E você não tá sabendo de nada do que ela pensou, e ela ainda briga por uma coisa que não tem nada a ver, ela faz isso aqui ó 'ei, tu! eu num vou comprar mais nada!'. E sai, Vaisimbora. 'Compro não! Chega uma visita num tem mais nada já comeram tudo! **EU NUM TENHO FILHO NÃO, TENHO É UNS CACHORRO!**' (risadas)

Ei isso dói cara... dói porque é verdade cara... **Se deixar a gente come até as cadeira cara...**

33:15- Mamãe me dava refrigerante eu ia tomar lá na porta lá de casa... Fazer inveja os menino da rua... Os menino brincando e eu assim ó (gesto balançando um copo imaginário na mão)... 'Qué isso daí?' eu dizia 'é coca-cola...' (risadas) não dava. **Menino é bicho ruim cara, criança é bicho ruim.** Você já viu uma criança quando ganha vinte e cinco centavo?

36:33- Que é que mãe do pobre faz quando o fi dela começa correr? Ela chama outra pessoa pra assistir o menino dela correr e cair. Pode prestar atenção, o menino começa correr ela faz '**Cláudia, vem cá Cláudia, vem cá, fica aqui, fica aqui, olha**

lá onde é que tá o capeta ó, tá vendo?’ A outra fala ‘vai buscar o menino’, **ela diz ‘presta atenção besta, vai perder a diversão?’** Na hora que o menino cai PÁ diz ‘EU NÃO FALEEEIII! **ESSE MININU É O DJABO CLÁUDIA!!**’

37:49- O choro das criança é diferente cara, o choro é muito diferente. O menino do rico quando ele bate a cabeça no chão que ele chora é lindo cara. Não, é gosto..., parece que ele tá no the voice brasil cara, menino do rico cai faz ‘aahahaaa’(cantando). Num dá vontade de gravar em mp3 botar no spotify? É lindo cara. É gostoso. **Menino do pobre bate com a cabeça no chão ninguém sabe se é uma criança chorando ou é o samu chegando pra atender a criança.** O jeito que ele cai ele PA! Uuuuuuuuu (barulho de ambulância)

42:04- E mamãe me avisava...A gente briga ‘mãe me bate, mãe faz isso, mãe faz aquilo’ mas antes ela avisa umas cinco vez. E mamãe não me avisava igual mulher de filme não ‘olha meu filho, encha essas garrafas para que tenhamos água potável para beber, vai Jeredy, vai Jeredy”...

Não. Mamãe olhava pra mim ela falava assim ‘Whindersson, quantas garrafas têm ali Whindersson?’ Eu dizia ‘quatro’, ela dizia ‘quatro garrafa né, oh Whindson, faz eu quebrar teu pescoço quando eu chegar não Whindson’ (risadas). ‘Whindersson eu tô saindo pra trabalhar agora. Eu não vou te falar mais nada’. **Ela saía já me dava aquele gelo tão grande que eu ia fazer logo.** Só que meus amigo, quando ele via que minha mãe saía pra trabalhar eles já ia me chamar, porque eles tinha medo da minha mãe.Minha mãe é daquelas mulher que furava bola, caía lá em casa furava bola. Tenho tanto amigo que deseja a morte da minha mãe, cês não tem noção. E eles tinha medo da minha mãe então quando mamãe saía, oxe, todo mundo ia pro meu portão, e aí eu fui encher as garrafa e mamãe saiu e eles PA PAPAPAPAPA no portão. Eu digo, ‘o que é isso?’ **Quando eu abri parecia a visão do inferno, Etilândia, ooh mininu feio minha gente,** ali pra ter feiura num tinha preguiça não aqueles menino. **Era os piorespermatozóide da minha cidade, minha nossa Senhora, era só coisa feia.** O nome dos menino já era feio. [...] E todo grupo de amigo ele tem um líder, tem um líder, e veio o líder falar comigo, ele veio todo torto assim, ‘Ei otáru. Bó jogar?’. Eu disse ‘bó’.

48:03- Eu olhei pra esquina, mamãe voltando pra casa já. Eu falei ‘e as garrafa?’ [...] Eu tavasozin. Abandonado. Sem amigo. Não tinha enchido uma garrafa, Etilândia.

que não acho que minha mãe brotou da cerâmica (risadas), que eu só escutei aquela vozinha de mãe que pega menino no flagra, num tem? [...]

1:02:12- Eu era danado quando eu era criança viu irmão. Muito danado. Corria pra carai, criança adora correr, cê solta uma criança elas faz amizade correndo sabia? Pode soltar uma criança bem aqui na frente em trinta segundo ela roda a concha acústica, volta com 98 amigo pra cá. Sem saber nem o nome. Pode prestar atenção, parece, num sei como é que é. Ele tá parado, passa um, ele 'iiiiiii' vai junto, chega pra mãe 'oia aí mãe meu amigo que eu tenho ó, faz é tempo. 'Como é o nome dele?' 'Como é teu nome?'. Aí conhece o menino, **só que existe um fenômeno muito grande chamado faltou perna. Às vezes o menino corre e ele corre demais e os peito passa das perna. E você corre com as perna tentando acompanhar os peito. As vezes cênum tá de boa conversando com um amigo seu do nada passa um menino assim ó** (menino correndo e caindo), e você num consegue parar ele não, cê só consegue olhar pra ele e calcular onde ele vai cair só. **Eu dei uma corrida dessa**, porque eu estudava de manhã.

1:04:44- E a criança é foda que quando ela volta da escola ela vem com uma bolsa, **e a bolsa dá um solavanco**, o primeiro mortal de uma criança é com uma bolsa.

1:05:39- A terceira coisa que eu tinha mais medo que mamãe fala num é nem uma frase, é só uma palavra, quando ela para na porta, aponta pra dentro e faz isso aqui ó 'passa!'. (Imitando uma criança se contorcendo) 'mãe vai me bater...' Mãe era tão cínica que ela com o cinto na mão ela dizia assim '**vou não besta... passa...**' Eu dizia 'solta o cinto!'. (Imitando a mãe colocando o cinto no chão) 'Passa...' Eu num confiava não. **Batizei minha mãe de yu-gi-oh (risadas)... Quando ela perdia o cinto ela já tinha colocado a chinela em modo de defesa virada para baixo (risadas)**. Eu digo não dá não, mamãe não dá não. Eu tinha que passar. Quando ela mandava passar eu ia fazer o quê? Morava ali. Tinha que entrar. **Mamãe falava 'passa', eu tomava distância que eu não sou besta, eu corria**.

1:08:42- (Platéia rindo muito, por isso ele fala): Tem que ser assim mesmo, eu paguei eu vou rir até morrer agora... Tem gente que é assim mesmo, dá setenta conto 'cadeira' 'ahahahahah cadeira' ria minha fia, tem que rir mesmo.